

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Movimentos de (des)colonização na comparação entre discursos literários sobre o herói mapuche Lautaro

Priscila da Silva Marinho

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202527e20251064>

Submetido em: 2025-10-16

Postado em: 2025-10-17 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202527e20251064

Varia

Movimentos de (des)colonização na comparação entre discursos literários sobre o herói mapuche Lautaro*

(De)colonization movements in the comparison between literary discourses about the Mapuche hero Lautaro

Priscila da Silva Marinho

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6079-6336>

E-mail: psmarinho9@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é a promoção de um debate sobre movimentos de (des)colonização na comparação de discursos literários que tematizam o herói mapuche Lautaro. Recortando o contexto chileno contemporâneo, examinamos, de modo comparado, dois poemas da escritora e dirigente mapuche María Teresa Panchillo recuperando seus diálogos interdiscursivos com *La Araucana* e *Mariluán* que constituem obras do cânone literário. Para tanto, mobilizamos, enquanto dispositivo teórico-metodológico, a análise de discurso materialista, focalizando a noção de colonização linguística (Mariani, 2004). Nossa análise desvela que no tocante à figuração de Lautaro, a poética de Panchillo ao ensejar um diálogo com a cosmogonia ancestral realiza gestos de descolonização entendidos como gestos contrapedagógicos (Segato, 2018) na medida em que reapropriam e ressignificam a memória colonial e canônica que historicamente estereotipa e idealiza personagens indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Mapuche; Lautaro; Colonização linguística; Contrapedagogia; Discursos literários.

ABSTRACT

The aim of this article is to promote a debate on (de)colonization movements by comparing literary discourses that address the Mapuche hero Lautaro. Focusing on the

* Artigo decorre do projeto de pesquisa de pós-doutorado intitulado “*Wallmapu libre*, dizem as ruas: o *estallido social* chileno como agenciamento translíngue e gesto contrapedagógico do contemporâneo” realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLEN/UFRJ) – que possui conceito 6 na CAPES – e financiado pela Fundação Carlos Chaga Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Atualmente, em 2025, o projeto encontra-se em curso.

contemporary Chilean context, we comparatively examine two poems by the Mapuche writer and leader María Teresa Panchillo, recovering their interdiscursive dialogues with *La Araucana* and *Mariluán*, which constitute works of the literary canon. To this end, we mobilize, as a theoretical-methodological device, materialist discourse analysis, focusing on the notion of linguistic colonization (Mariani, 2004). Our analysis reveals that, with regard to Lautaro's figuration, Panchillo's poetics, by enabling a dialogue with ancestral cosmogony, performs gestures of decolonization understood as counterpedagogical gestures (Segato, 2018) to the extent that they reappropriate and resignify the colonial and canonical memory that historically stereotypes and idealizes indigenous characters.

KEYWORDS: Mapuche; Lautaro; Linguistic colonization; Counterpedagogy; Literary discourses.

Preâmbulos

A poética mapuche do contemporâneo tem promovido certos deslizamentos cosmogônicos na perspectivação do personagem Lautaro. Este artigo almeja debater o processo de (des)colonização linguístico-discursiva por meio da esfera literária no tocante à figuração do indígena. Para tanto, focalizaremos a representação do herói mapuche Lautaro, construído na literatura colonial e canônica chilena sob o arquétipo do herói clássico-romântico. A fim de materializar nossa proposta, procederemos a análises discursivas nas quais compararemos textos literários distribuídos em distintas épocas que tematizam o arquétipo do guerreiro indígena.

A partir do recorte do contexto contemporâneo chileno, examinaremos comparativamente dois poemas – “LEFXARU (Lautaro)” e “Lautaro” – escritos por María Teresa Panchillo (2006), destacada poeta e militante mapuche buscando suas relações interdiscursivas com duas obras literárias. São elas: *La Araucana* (2001 [1569/1578/1589]), poema épico datado do séc. XVI de autoria do espanhol Alonso de Ercilla y Zúñiga considerado a epopeia fundacional do Chile moderno e retomado durante o movimento romântico do séc. XIX; e *Mariluán* (2023, [1862]), romance indianista do escritor Alberto Blest Gana, considerado o pai do romance chileno e que guarda explícito diálogo com a epopeia ercillana. Para guiar nossa análise relativa à poética de Panchillo, apresentamos a seguinte pergunta motivadora: em que medida os discursos literários indígenas da atualidade funcionam enquanto gestos de descolonização entendidos também como gestos contrapedagógicos?

Nesta perspectiva, nosso artigo se organiza do seguinte modo: na próxima seção, discutiremos nosso arcabouço teórico-metodológico disposto em quatro seções, a saber: “Memória, paráfrase e polissemia”, na qual abordaremos alguns pressupostos oriundos da análise de discurso materialista cunhada por Michel Pêcheux; “Colonização linguística”, que é a seção em que teceremos reflexões referentes aos estudos desenvolvidos por Mariani (2004), Severo (2016) e Celada (2022) conectando-os ainda à noção de contrapedagogia estudada por Segato (2018); “Discursos literários sobre o indígena”: seção que se destina a (re)visitar a bibliografia dos estudos latino-americanos, sobretudo, a partir da mentalidade do século XIX em que a vertente do romantismo se apropria da temática indígena, enfocando, de maneira particular, o contexto chileno; e para conclusão de nosso quadro teórico na seção “Cosmogonia e poética mapuche do contemporâneo” teceremos determinadas considerações acerca da epistemologia ancestral ao mobilizarmos trabalhos desenvolvidos por Figueroa Verdugo (2017), Figueroa Verdugo & Figueroa Burdiles (2018), Mora (2021) e Loncon (2023).

Com isso, passaremos ao exame das materialidades linguístico-discursivas concernentes ao *corpus* supracitado na seção intitulada “Tensionamentos literários entre o cânone e o contemporâneo”. Em seguida, enquanto extensão da seção analítica, refletiremos acerca da comparação entre discursos literários sobre Lautaro e seus diferentes gestos de (des)colonização. Por fim, procederemos a algumas considerações nas quais discorreremos sobre os efeitos de sentidos alcançados ao cotejá-los com os questionamentos e os objetivos deste artigo.

Memória, paráfrase e polissemia

Nosso dispositivo teórico-metodológico está alicerçado em uma abordagem discursiva filiando-se à formulação consolidada como “Escola Francesa de Análise de Discurso”, cujo principal expoente é Michel Pêcheux e que atualmente tem sido referida como “Análise de discurso materialista”. Uma noção que nos interessa neste estudo é a de memória discursiva, que, tomada como interdiscurso, pode ser entendida como os saberes discursivos que ensejam as condições de dizibilidade do sujeito. Recorremos a uma reflexão de Fanjul (2017, p.20) que nos parece particularmente interessante a este respeito: “Essa memória discursiva vai se configurando e modificando em um processo de *regularização*, mas também sujeito à *desregularização* pela irrupção do novo, que

pode contribuir para reestruturar as redes de memória e de filiações sócio-históricas” (idem – *grifos nossos*).

Essa definição aponta a memória como movente, passível de reconfiguração. Interpretamos que as formulações “regularização/desregularização” indiciam a tensão entre novo/diferente remetendo àquilo que o pensamento pecheutiano denomina como “paráfrase”. Tomada como rede de memória, a paráfrase diz respeito aos movimentos que retornam aos espaços estabilizados do dizer. Resgata o dizível, a estabilidade que atravessa as cadeias retomadas da memória via já-ditos, já-dados e pré-construídos que encetam regularidades enunciativo-discursivas. Já Orlandi (2000) contempla os desvios parafrásticos como “polissemia”. Sendo assim, os deslocamentos de sentido, as rupturas dos processos de significação que ensejam a equivocidade aludem à polissemia. A polissemia, assim, desloca as cadeias parafrásticas, deslizando a memória estabilizada e abrindo-se ao novo, ao diferente. Orlandi sinaliza que

é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam [...] É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: construir-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia (2000, p.36-37).

Quanto à noção de formação discursiva, doravante FD, cunhada primeiramente por Foucault (2014 [1969]) e reelaborada pelo pensamento pecheutiano, esta se relaciona àquilo que pode e deve ser dito a partir de uma determinada posição discursiva em uma dada conjuntura sócio-histórica. Sendo assim, as FD promovem a circulação de certos dizeres (e não outros). A partir dessa concepção, podemos compreender que as cadeias discursivas, movendo-se na tensão entre paráfrase e polissemia, adquirem novos efeitos de sentidos ao se filiarem a novas e distintas formações discursivas.

Colonização linguística

Nesta seção, mobilizamos o conceito de colonização linguística (Mariani, 2004) para pensar certas discursividades que constroem a figuração do indígena no âmbito da esfera literária. Dessa forma, o conceito de colonização linguística demarca o modo como a língua(gem) atravessa constitutivamente o processo de conquista e de colonização, naturalizando sentidos que encetam evidências na relação entre discursos colonizadores e colonizados. A colonização, assim, implica um contato entre diferença e alteridade, não isento de tensões, contradições e conflitos e que se dá, inclusive, pelo uso da força.

Mediante o exposto, em consonância com Celada (2022), entendemos que a colonização está presente, do modo tensivo e constitutivo, no processo de descolonização. Dessa maneira, a noção de colonização linguística se correlaciona ao paradigma eurocêntrico.

Mariani (2004) entende o processo de colonização a partir da noção de memória, vinculando-o à ordem do acontecimento discursivo na medida em que se desencadeia em tal processo “um complexo e tenso jogo entre memórias e apagamentos das imagens produzidas sobre as línguas em circulação” (Mariani, 2004, p.74). Já Severo (2016), partindo de uma perspectiva discursiva de base foucaultiana, discorre sobre o processo colonial de discursivização das línguas na América. Sendo assim, a autora defende que a discursivização colonial implicou o enquadramento dos povos e línguas em uma chave de interpretação eurocêntrica, gerando efeitos ainda vivos contemporaneamente. Desta forma, sinaliza-se que “a experiência colonial é complexa, o que significa que o encontro colonial produziu também a emergência de resistências e hibridizações culturais” (Severo, 2016, p.11).

Neste sentido, entende-se a ideia de América e suas línguas não a partir de “realidades descobertas”, mas como um processo forjado de discursivização filiado ao paradigma colonial eurocêntrico. Assim como Mariani (2004), Severo (2016) também pensa a língua como constitutiva do processo colonial, rejeitando efeitos de neutralidade e destacando, portanto, a qualidade do político que a atravessa. No bojo do processo de colonização, o paradigma eurocêntrico, tido sempre como central, invisibiliza a cultura autóctone e ancestral, proveniente de outras epistemologias, que passam a ser discursivizadas como “exóticas”, “folclorizadas” e “primitivas”. Neste aspecto concordamos com a autora quando afirma que “a discursivização da experiência colonial construiu e legitimou uma chave política e relativamente homogênea de leitura e interpretação das línguas e dos povos ditos colonizados” (p.12-13).

Conforme o discutido, abordaremos, na próxima seção, certos discursos literários que constroem o indígena a partir de uma mentalidade muito idealizada e exotizada enquanto ideologia imperante no século XIX no marco de consolidação do Estado nacional moderno e apropriada pela historiografia literária relativa ao indianismo romântico latino-americano.

Discursos literários sobre o indígena

O escritor peruano José Carlos Mariátegui em seu *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928 [1971]) utilizou pela primeira vez o termo *indigenismo* para se referir à literatura latino-americana que tematiza o indígena. Já a escritora porto-riquenha Concha Meléndez na obra *La novela indianista en Hispanoamérica (1832-1889)* (1934 [1961]) prefere a adoção do termo *indianismo* em lugar de *indigenismo*. Por sua vez em *El indio en la poesía de América española* (1939), a argentina Aída Cometta Manzoni (cf. Wogan, 1942) demarca uma substancial diferença entre os dois significantes. Com relação à literatura indianista, a argentina entende que “se ocupa del indio en forma superficial, sin compenetrarse en su problema, sin estudiar su psicología, sin confundirse en su idiosincrasia” (*apud* Wogan, 1942, p.468). Em contrapartida, a literatura indigenista “trata de llegar a la realidad del indio y ponerse en contacto con él” (*idem*).

No decorrer do desenvolvimento da crítica literária latino-americana ao longo do século XX, a formulação *indigenismo* se consolida enquanto vertente que focaliza o indígena através do seu contexto sociocultural, sobretudo a partir do trabalho de Antonio Cornejo Polar que reflete sobre a heterogeneidade e a hibridização cultural da literatura indigenista (cf. Cornejo Polar, 1978). Nesta seção, entretanto, como forma de atendimento aos objetivos estabelecidos por este artigo em que refletimos sobre o processo de (des)colonização linguístico-discursiva, nos deteremos em considerações críticas relativas à literatura indígena de corte indianista por entendermos que tal vertente oferta “una visión muy europeizada del indio” (Alemany Bay, 2013, p.97) abarcando, deste modo, o contexto do século XIX concernente ao desenvolvimento da literatura romântica.

No começo do século XIX, em plena efervescência dos discursos independentistas, as elites *criollas* das colônias americanas buscaram na temática indígena a aliada para seus projetos republicanos de emancipação da Espanha. Com isso, no contexto do Chile, que particularmente abordamos aqui por conta dos interesses deste estudo, há uma expressiva recepção de *La Araucana*, obra escrita pelo espanhol Alonso de Ercilla y Zúñiga, que narra os feitos heroicos dos indígenas *araucanos*[†] na guerra contra os

[†] *Araucano* é uma formulação designada pelos espanhóis para se referir aos povos indígenas que habitavam a porção centro-sul do Chile à época da Conquista e, portanto, se liga à chave de interpretação colonial eurocêntrica. Atualmente, na bibliografia dos estudos indígenas, *mapuche* é o termo com o qual se (auto)identificam, pois “el uso del concepto araucano se hizo [...] extensivo a toda la población mapuche [...] [y] se trata de un concepto foráneo que no tiene sentido dentro de la cultura y la lengua mapuche” (Millalén Paillal, 2006, p.37-38). Por estas razões, preferimos a adoção de “*mapuche*” em lugar de

invasores espanhóis no século XVI. O crítico literário e docente acadêmico chileno Bernardo Subercaseaux (2021) considera a importância de *La Araucana* no contexto decimonônico de independência ao sublinhar que o militar e estadista chileno Bernardo O'Higgins (1778-1842), uma das figuras mais proeminentes do movimento de independência chilena, exaltava os heróis do poema épico a fim de angariar os indígenas à causa republicana:

[...] hay varios testimonios y documentos que muestran la vinculación de O'Higgins como gobernante con la obra de Ercilla y sus esfuerzos por integrar a los indígenas al bando republicano. **Como jefe militar, ya en 1814, arengaba a sus soldados a pelear como lo habían hecho Lautaro, Galvarino y Caupolicán, lo que lleva a suponer que los héroes ercillanos eran de dominio público** (Subercaseaux, 2021, p.154-155 – *grifos nossos*).

Em meados do século XIX, no período concernente à consolidação dos Estados nacionais, a temática indígena volta a ocupar uma posição de destaque no pensamento moderno, sendo cultivada em diversas áreas do conhecimento, tais como filologia, arqueologia, etnografia etc. e ressaltamos aqui sua influência na corrente literária da escola romântica. Findadas as guerras de independência, as novas repúblicas latino-americanas buscam a consolidação de suas identidades nacionais. Na esfera literária, o romantismo seleciona o indígena enquanto elemento que remete a uma ideia de nacionalidade e, ao mesmo tempo, de ponto de “origem” e “passado” nacionais. Destas condições de produção, emerge a discursividade indianista na qual o indígena, a partir do campo etnográfico, transforma-se em objeto de interesse, resgatado de diários e crônicas de viajantes e missionários europeus, sobretudo, dos séculos XVI-XVII, em que suas línguas, culturas e costumes, junto à natureza americana, são descritos e interpretados (Pas, 2012).

A literatura indianista vira símbolo de uma poeticidade pressuposta que acometeria, segundo tal visão, naturalmente o indígena, imbuído de procedimentos de idealização e exotização que o concebem como representação do primitivismo nacional latino-americano. Nesta mentalidade nativista, o indígena comporta-se como um elemento que se funde à paisagem relativa à fauna e à flora americanas, construído, a partir de uma matriz eurocêntrica, como “o bom selvagem” e, ao mesmo tempo, correspondendo ao cavaleiro medieval europeu e ao herói épico clássico. Desta forma, como característica

“araucano”, empregando este último apenas nos casos que remetem a citações de autores decimonônicos ou contemporâneos que o utilizem.

do discurso romântico, a correspondência entre o espaço físico da natureza americana e as virtudes morais e psicológicas de seus habitantes autóctones fundem-se dando origem ao indianismo idealizado. Observemos o trecho seguinte, retirado de Pas (2012), em que o poeta argentino Juan María Gutiérrez (1809-1878) descreve a resistência bélica mapuche comandada por Lautaro ao comparar suas façanhas heroicas às rajadas de vento que estremecem as cordilheiras:

Este acontecimiento memorable tenía lugar el 27 de diciembre de 1553. Esta fecha es una efeméride americana que recuerda el ejemplo más notable en nuestra historia antigua de la asociación del brazo y de la inteligencia, de la elocuencia y la acción, para vindicar la independencia del suelo patrio. **El eco de Lautaro ha llegado de tradición en tradición hasta nosotros como las ráfagas poderosas del viento que nace de las remotas cordilleras** (Gutiérrez, 1869 *apud* Pas, 2012, p.88 – *grifos nossos*).

Tal fragmento permite-nos dimensionar a influência que tal poema épico logra no contexto romântico decimonônico latino-americano. O poeta chileno Waldo Rojas (2007 [1997]) reflete sobre a importância de *La Araucana* na fundação lendária chilena e, conseqüentemente, na fundação da literatura nacional. O crítico literário discorre sobre toda a fundação mitológica que a obra *ercillana* desempenhou no Chile, conformando uma memória discursiva coletiva que atravessa o imaginário dos chilenos e se distribui tanto na toponímia e na iconografia quanto na fundamentação de ações e discursos cívicos, didáticos e institucionais[‡]. O autor salienta, no entanto, a contradição que se tensiona entre “[el] araucano heroicizado e ideal y el indio de carne y huesos en el proceso de gestación de una identidad chilena” (Rojas, 2007 [1997], s/p). Neste sentido, salienta-se a celebração e transformação dos personagens da epopeia em formas arquetípicas de corte heroicizante que, tendo servido ao discurso republicano no contexto de emancipação da Espanha, acabam por se tensionar com as históricas relações conflitantes deflagradas entre os indígenas e o Estado chileno.

[‡] No que tange à toponímia chilena, *La Araucana* funciona enquanto uma discursividade que encontra uma forte materialidade linguística. No sul do país, na região da Araucanía, há três comunas (equivalentes aos municípios no Brasil) denominadas Lautaro, Galvarino e Ercilla. Segundo Waldo Rojas, “no hay, en fin, una sola ciudad, puerto, villorrio o aldea en todo Chile que no tenga por lo menos una calle, plaza o rincón bautizado con algún nombre araucano” (Rojas, 2007 [1997], s/p). Já Bengoa (2014) sinaliza a influência da obra *ercillana* no discurso militar relativo ao exército chileno: “El Ejército de Chile es heredero de esta tradición [...] de valoración romántica de los 'antiguos araucanos'. Tras el escritorio del Comandante en Jefe del Ejército de Chile [...] está un gran cuadro en que se representa al Gran Toqui Lautaro, en su guerra contra los españoles. El manual de Historia del Ejército de Chile [...] señala que el Ejército chileno tiene tres etapas, siendo la primera el Ejército de Lautaro y los 'heroicos araucanos’”(Bengoa, 2014, p.45).

Neste imaginário de fundação literária que filia o Chile a um passado de base eurocêntrica clássica, emergem enunciados conhecidos, que funcionam como pré-construídos e contribuem para a formatação da memória, como o do poeta venezuelano radicado no Chile Andrés Bello (1781-1865), para quem *La Araucana* tratava-se da Eneida chilena, conforme afirma em ensaio publicado em 1841 (Pas, 2012). Ou então o filósofo e político chileno Francisco Bilbao (1823-1865), que em 1862 chegou a propor aos irmãos Amunátegui (Miguel Luis e Gregorio Victor) o lançamento de uma nova edição de *La Araucana*, ilustrada e com notas, uma vez que tal obra comporta-se como a *Iliada* chilena (Triviños, 2004). Rojas (2007 [1997]) ainda destaca a publicação do ensaio *Raza Chilena*, de 1905, em que tomando o significante *originario* se argumentava a favor “*del origen ario*” (origem ariana) dos povos indígenas mapuche ao se defender a sua descendência étnica dos gregos antigos. Tal teoria procurava explicar a vitória militar dos chilenos sobre peruanos e bolivianos na então contemporânea Guerra do Pacífico (1879-1883) devido à pressuposta ascendência de chilenos e mapuches do povo alemão e “seu admirável talento bélico”.

Tal processo de idealização literária do indígena a partir de *La Araucana* é flagrante em discursos dos primeiros pensadores da república. Destacamos algumas palavras, retiradas de Casanova (2016 [1999]), de Francisco Antonio Pinto (1785-1858), militar e político liberal chileno, tendo sido presidente do país entre 1827 e 1829, sobre a impressão que a leitura de Ercilla y Zúñiga teria lhe causado quando jovem:

Por primera vez leí en ese tiempo *La Araucana* de Ercilla y nos reuníamos en corrillo para saborear su lectura. No era porque gustáramos de las bellezas de su poesía [...] sino por **las heroicas hazañas de los araucanos y españoles** que las considerábamos como propias, por ser compatriotas de los primeros y descendientes de los segundos [...] No era posible considerar **las grandes acciones de Caupolicán, Colo colo, Lautaro** y otros colosos de nuestra historia sin sentir arder el corazón en deseos de imitarles, y de tener una patria a quien consagrar nuestros servicios (*apud* Casanova, 2016 [1999], p.24-25 – *grifos nossos*).

Neste fragmento, notamos a força potencialmente mítica que tal poema épico adquire no contexto de fundação da nacionalidade chilena no século XIX, inventando uma tradição que glorifica um passado patriótico e bélico que é, a um só vez, mapuche (araucano) e clássico. Neste ângulo, tal texto colonial é reapropriado no romantismo e ressignificado neste período pós-independência como uma epopeia chilena que se vincula à forma política do Estado nacional. O historiador e antropólogo chileno José Bengoa

(2014) ainda analisa a influência do pensamento rousseauiano, materializado por meio do enunciado “o bom selvagem”, que fundamentou em grande medida a literatura indianista romântica ao estabelecer um imaginário em que o indígena estaria imbuído de um estado puro e natural de bondade por sua comunhão com a fauna e a flora americanas. No entanto, o autor ironiza que enquanto na literatura primava um romantismo idealizado, no contexto sociopolítico, por sua vez, desencadeava-se, em meados do século XIX, a chamada “Pacificação da Araucanía” que consistia na militarização da região mapuche de *Wallmapu*. Neste sentido, os escritores e literatos não se interessavam pelo indígena real em pleno confronto com o Estado chileno, mas com sua construção estilizada e exotizada:

En el origen del Estado republicano se encuentra esta contradicción, que perseguirá quizá la historia de Chile: por un lado, patrióticos discursos en torno a la ‘valerosa sangre araucana’; por el otro, un comportamiento de enfrentamiento, discriminación y conflicto” (Bengoa, 2014, p.44-45).

O escritor chileno Alberto Blest Gana (1830-1920), segundo Waldo Rojas (2007 [1997]) “nuestro mayor novelista decimonónico”, é considerado o fundador do romance moderno no Chile ou nas palavras do cronista chileno Miguel Laborde (2023, p.17) “[el] padre de la novela chilena”. Além de romancista, foi também historiador, cronista e diplomata, tendo publicado em 1862 *Mariluán*, obra indianista com forte traços românticos[§]. *Mariluán* narra a história de um jovem mapuche de nome homônimo que, formado pelo Exército chileno, deseja civilizar sua etnia para que esta seja integrada à sociedade chilena. Guardando um diálogo relevante com os personagens de *La Araucana*^{**}, o indígena Mariluán funciona como o arquétipo do herói clássico-romântico que lidera o conflito bélico entre mapuches e chilenos, ao mesmo tempo em que luta pelo amor correspondido de Rosa, a personagem chilena oriunda da elite *criolla*.

Mediante o exposto nesta seção, pudemos examinar discursos literários na figuração do indígena que ao investirem somente em procedimentos estéticos de idealização e hiperbolização, provenientes das retóricas clássica e romântica, simplificam

[§] Embora destacados críticos literários chilenos, como Amado Láscaz (2003) e Gilberto Triviños (2004), influenciados pela tese de John Steven Ballard (1983), situem tal romance no marco da literatura realista, preferimos, neste artigo, não entrar neste debate, uma vez que não constitui nosso interesse classificá-lo taxativamente como realista e/ou romântico. Entretanto, reconhecemos certas características que o aproximam à vertente indianista cultivada pelo romantismo as quais enfocaremos mediante análise de alguns fragmentos na próxima seção.

^{**} Segundo Ballard (1983) *Mariluán* “es una continuación de la tradición literaria establecida por *La Araucana* de Ercilla” (Ballard, 1983, p.71).

sua complexidade epistemológica e interditam o mergulho nas suas cosmovisões acabando por reproduzir uma visão muito colonizada, calcada apenas em uma chave de interpretação eurocêntrica.

Cosmogonia e poética mapuche do contemporâneo

Nesta seção abordaremos brevemente relevantes aspectos da cosmogonia mapuche por meio das obras *Azmapu* (Loncon, 2023) e *Mawida* (Mora, 2021). *Azmapu* é escrita por Elisa Loncon, destacada docente universitária de origem mapuche que focaliza a pesquisa sobre ensino de mapudungun, além de importante ativista pelos direitos dos povos originários e mapuche no Chile. Esta obra descreve a relação intrínseca dos mapuches com a natureza e com o território enquanto componentes que também se ligam à identidade indígena. Desta forma, o *azmapu* ou sistema de leis mapuche rege a relação das pessoas com a biodiversidade a partir de quatro pilares: o *az mogen* relaciona o modo de vida das pessoas com os territórios; o *nor mogen* determina as normas de vidas e comportamento das pessoas com a natureza; o *itxofill mogen* diz respeito ao reconhecimento de todos os seres (a biodiversidade), existentes na natureza e nos territórios a partir do entendimento de interdependência; e, por fim, o *küime mogen* resulta na articulação de todos os pilares anteriores, constituindo um modelo de vida harmônico entre a sociedade e a natureza.

Um aspecto interessante também é o princípio do *gen mapu küpalme*. *Gen mapu* se refere aos espíritos, energias, poderes ou forças que atuam na natureza e no território. *Küpalme* diz respeito à vinculação das pessoas, famílias ou comunidades com o espaço geográfico-territorial. Na cosmovisão ancestral, cada ser tem uma dualidade. A natureza e os seres possuem uma face física/material e energética/espiritual. Além disso, há o *gen* (espírito) *kulme*, que se relaciona à identidade da pessoa, podendo manifestar-se mediante um animal para que o indivíduo incorpore as características desse ser.

Em *Mawida*, o escritor, etnógrafo e professor de mapudungun, Ziley Mora, mestiço chileno e neto de mapuche, produz uma reflexão filosófica a partir de determinados princípios nativos do *Azmapu* levando em conta os quatro elementos naturais (água, terra, ar e fogo). Enfocando a *mawida*, a montanha curativa do Chile, o escritor tece uma interessante abordagem com relação à cosmovisão ancestral considerando, como premissa básica, a característica dual exemplificada mediante conceitos *Txeg-Txeg* e

Kawe Kawe. Tais noções que se relacionam também à cosmovisão ancestral de outras etnias podem ser descritas como duas forças fundamentalmente opostas que são complementares. Enquanto *Txeg-Txeg* alude à criação, à luz, seu par complementar *Kawe Kawe* diz respeito à destruição, à escuridão. Segundo a cosmogonia mapuche, tais forças se encontram em toda a ordem das coisas e ao atuarem de forma conjunta promovem o equilíbrio da terra^{††}.

Com relação à poética mapuche do contemporâneo, ressaltamos a escritora María Teresa Panchillo. Segundo Figueroa Verdugo (2017), os versos da poeta são marcados por um tom expressamente conversacional. Desta forma, a produção poética de Panchillo “menciona [...] a Ercilla, solo para explicar que su lenguaje es otro, que la función y su vertiente literaria es otra” (p.181). Neste sentido, interpretamos que a produção literária da escritora promove uma ruptura com a tradição discursiva chilena que idealiza os mapuches através do mito fundacional instaurado a partir de *La Araucana*, recorrendo à epopeia ercillana, sobretudo, para fazê-la deslizar enunciativamente e filiá-la à cosmogonia ancestral alicerçada “[en] el arte de la palabra hablada por sus kimche, longko, machi, ngenpin, ullkantufe, weipife^{‡‡} [...] [o sea] los discursos mapuche tradicionales en mapudungun” (*idem*). No fazer poético de Panchillo, a comunhão com a natureza desempenha um papel crucial, desvelando uma relação destacadamente distinta da apreçoada pela concepção ocidental de mundo. Paralelamente, a poeta é uma destacada dirigente e militante política em defesa da preservação da terra e da recuperação

^{††} Txeg-Txeg e Kawe Kawe metaforizam espíritos que habitam os territórios e os elementos da natureza, tais como colinas, montanhas, vulcões, bosques, cachoeiras, rochas e outros espaços ecológicos e energéticos. De acordo com o professor de história de origem mapuche José Millalén Paillal, “hay fuerzas y energías que luchan, que se combaten, pero a la vez parece no haber ‘triunfadores’ ni ‘vencidos’, más bien una nueva condición, en donde las fuerzas y energías opuestas, pero complementarias para la existencia de todo el sistema de vida, entre ellas las personas y su cultura, se hallan presentes, haciéndose notar a través de formas que nos llaman a autoregularnos en nuestro comportamiento, fundamentalmente con el medio en el que debemos convivir [...] [*Dichas fuerzas y energías*] dan cuenta de esta singularidad del mundo mapuche que hace imposible encasillarla en concepciones unidireccionales del bien o el mal (Millalén Paillal, 2006, p.24-32).

^{‡‡} De acordo com o *Diccionario Lingüístico Etnográfico de la Lengua Mapuche*, de autoria da linguista e acadêmica chilena de origem mapuche María Catrileo Chiguailaf, “kimche” significa sábio; “longko” diz respeito ao chefe da comunidade mapuche; “machi” alude ao xamã, curandeira ou curandeiro comunitário; “ngenpin” se refere à pessoa que dirige a cerimônia ritualística do Ngillatun, junto à machi e ao longko comunitários; “ullkantufe” concerne ao indivíduo que desempenha o papel de cantor nas cerimônias coletivas e, por fim, “weipife” designa os oradores das comunidades, encarregados de proferir discursos, muitas vezes de natureza política (cf. Catrileo Chiguailaf, 2017). Tais formulações remetem a figuras de autoridade dentro da sociedade mapuche que, segundo Figueroa Verdugo & Figueroa Burdiles (2018), “están pensando el ser y el estar del pueblo mapuche en toda su diversidad y complejidad histórica” (p.121).

territorial, razão pela qual seus escritos são atravessados por uma forte carga sócio-histórica em torno à resistência mapuche.

Portanto, abordamos os princípios do *Azmapu* por entendermos que nos oportunizam um mergulho mais profundo na mentalidade ancestral, dando ensejo a reflexões sobre gestos de (des)colonização linguístico-discursiva que teceremos na seção analítica concernente aos versos da poeta mapuche. Neste sentido, capturaremos os poemas que tematizam o herói Lautaro a partir do diálogo que a escritora estabelece com as epistemologias ocidental e ancestral, pensando, neste movimento poético-literário, os gestos (tensivos) referentes ao processo de descolonização que contemplamos ainda como gestos contrapedagógicos^{§§} que, assim, contribuem ao deslizamento do paradigma canônico literário.

Tensionamentos literários entre o cânone e o contemporâneo

Nesta seção, buscaremos averiguar em que medida os discursos literários indígenas atuais, materializados na poética de Panchillo, operam como gestos de (des)colonização capturando a tensão constitutiva entre os processos de colonização e descolonização e pensando tais gestos descolonizadores enquanto atos contrapedagógicos. Sob este prisma, tematizamos o herói mapuche Lautaro, retomando sua vinculação interdiscursiva com obras que compõem o cânone. Conforme já refletimos na seção anterior, trata-se de um personagem histórico proveniente da narrativa épica *La Araucana*, considerada uma obra canônica da literatura chilena, em que se relata a guerra de Arauco – conflito bélico travado entre os invasores espanhóis e os indígenas mapuche, na conjuntura do processo de conquista e colonização da América, reconhecidos sob a formulação “araucanos” que se liga a uma discursividade colonial. Escrita pelo espanhol Alonso de Ercilla y Zúñiga, datada do século XVI, tal obra se insere no contexto artístico referente ao Renascimento, reconhecido na periodização literária como Classicismo.

^{§§} Mobilizamos aqui a noção de gestos contrapedagógicos que a partir de Rita Segato pode ser entendida como “contrapedagogías capaces de rescatar una sensibilidad y vincularidad que puedan oponerse a las presiones de la época y, sobre todo, que permitan visualizar caminos alternativos [...] La contra-pedagogía [...] tendrá que ser una contrapedagogía del poder y, por lo tanto, una contra-pedagogía del patriarcado” (Segato, 2018, p.15). Entendemos, assim, que os gestos contrapedagógicos funcionam como movimentos que desestabilizam o *status quo* dominante marcado pelo paradigma patriarcal e pelas desigualdades relativas ao gênero, à raça e à classe, elementos que se mostram responsáveis pelo processo de exclusão, diferenciação e dominação dos sujeitos.

O período histórico renascentista, que abarca os séculos XIV ao XVI, destaca a passagem da Idade Média para a Moderna, marcando uma mudança na mentalidade europeia, sobretudo, nos campos concernentes à cultura, à arte, à ciência e à política e, tendo como base, a retomada dos saberes clássicos greco-latinos. Neste cenário, *La Araucana*, retomada no panorama do século XIX relativo ao romantismo e considerada uma epopeia fundante da literatura chilena, canta as gestas dos heróis mapuches em sua resistência à conquista europeia, narrando suas façanhas e feitos bélicos. Neste sentido, destacamos a figura de Lautaro cujas características são descritas nos versos seguintes:

Cualidades y traza de Lautaro

Fue Lautaro industrioso, sabio, presto,
de gran consejo, término y cordura,
manso de condición y hermoso gesto,
ni grande, ni pequeño de estatura;
el ánimo en las cosas grandes puesto,
de fuerte trabazón y compostura,
duros los miembros, recios y nervosos,
anchas espaldas, pechos espaciosos.
(Ercilla y Zúñiga, p.89, 2001 [1569])

Na estrofe^{***} referida que faz parte do Canto III, Ercilla y Zúñiga exalta Lautaro dentro do arquétipo do herói épico – dotado de traços de diligência (“industrioso”), sabedoria, agilidade (“presto”), nobreza, equilíbrio, bravura, etc., a partir de uma linguagem repleta de idealizações e hipérboles cujo objetivo é transformá-lo em um sujeito mítico e histórico que se eterniza na memória ao lograr fama e prestígio. Lautaro recebe toda essa adjetivação – ou epítetos de acordo com a poesia épica – após liderar um exército vitorioso que abateu as tropas de Pedro de Valdivia, capturando e executando o

^{***} No que se refere aos procedimentos estético-formais, tal poema está organizado a partir de versos em oitava real ou oitava rima. Sendo assim, as estrofes são formadas por 8 versos do tipo hendecassílabo, isto é, com 11 sílabas métricas. No tocante ao esquema de rimas, estas configuram as chamadas rimas cruzadas e rimas contínuas (AB AB AB CC). Ditas características constituem uma prática poética muito em voga durante o Classicismo que imperou no Renascimento.

colonizador espanhol no evento reconhecido como Batalha de Tucapel. Diante desse feito, Lautaro se eternizou na memória colonial e canônica, como um habilidoso e estratégico chefe militar indígena.

Conforme já aludimos na seção anterior, em 1862 Alberto Blest Gana lança *Mariluán*. Escrito durante o romantismo, que abarca o período de consolidação dos Estados-Nações, bem como cultivo de uma identidade nacional, tal romance indianista estabelece relações interdiscursivas com a obra de Ercilla y Zúñiga. Diante disso, analisemos, a seguir, alguns fragmentos de dito romance:

(1) La indómita energía de la raza inmortalizada por los cantos de Ercilla brillaba en los ojos de Fermín Mariluán. En un pecho espacioso y levantado, latía su altivo corazón, cuya viril entereza daba a sus negros y pequeños ojos su tranquilo mirar, y a los labios, algo abultados, la fría expresión de orgullo que caracteriza la fisonomía de los araucanos (Blest Gana, 2023 [1862], p.23);

(2) Pero ni los beneficios de la educación, ni el roce con las gentes civilizadas que le enseñaban hábitos de cultura muy diversos a los contraídos en su niñez, pudieron jamás borrar del alma de Fermín Mariluán ese amor instintivo al suelo patrio, que en la raza araucana ha producido los altos hechos que celebra la epopeya (Blest Gana, 2023 [1862], p.25);

(3) Y el esforzado descendiente de los Caupolicanes y los Lautaros tembló como en el árbol la hoja, con ese frío súbito que hace estremecerse al corazón, cuando repite el eco de la voz querida que le habla de amor por la primera vez. Así, Rosa y Mariluán se dieron la mano para entrar a esa Arcadía del amor platónico, constantemente explorada por jóvenes parejas, que siempre creen haber hallado nuevas flores en su poético recinto (Blest Gana, 2023 [1862], p.29);

(4) Aun cuando muera sin realizar mis planes —replicó Mariluán— no creo que mi sangre será estéril: ella fecundará una idea grande y yo habré cumplido con mi deber [...] Tal es el trágico fin que ha conservado la crónica del generoso descendiente de los héroes inmortalizados por la epopeya. El sol fecundo de la civilización había hecho germinar en

el pecho de Mariluán la simiente de una noble esperanza: quería regenerar a su raza por medio del trabajo y de la honradez (Blest Gana, 2023 [1862], p.150-155).

Conforme pudemos visualizar, em todos os fragmentos predomina uma construção do indígena que é idealizado e hiperbolizado, ao modo da retórica indianista romântica. Em (1), o personagem emerge com “la indómita energía de la raza immortalizada por los cantos de Ercilla”. Sendo assim, sua descrição física e psicológica resgata o arquétipo do herói clássico ercillano, dotado de bravura, orgulho, força, altivez e comporta-se como um guerreiro que acumulando façanhas heroicas luta em prol de sua pátria. Já em (2) detectamos o atravessamento da dicotomia sarmientina civilização e barbárie, uma vez que embora Mariluán seja um representante da “raza araucana [que] ha producidos los altos hechos que celebra la epopeya”, no entanto, o indígena precisou ser assimilado e ocidentalizado nos moldes da civilização, como o próprio trecho explicita por meio das formulações “los beneficios de la educación” e “el roce con las gentes civilizadas”, expressões que ao serem introduzidas pelo marcador contrastivo “pero” criam uma oposição entre as duas sociedades: a ancestral, como representante da “barbárie”, e a ocidental, ao qual o indígena precisa ser incorporado.

Em (3), por sua vez, além de notarmos mais uma referência aos heróis da epopeia fundacional do Chile, por meio da filiação genealógica do personagem como um descendente dos “Caupolicanes” e “Lautaros”, podemos capturar ainda um recurso estético muito cultivado na discursividade romântica latino-americana que consiste na metaforização do indígena como um elemento da natureza. Sendo assim, Mariluán tremeu como “en el árbol la hoja”. Tremor que se associa também à introdução do tema amoroso, outro ingrediente fundamental na retórica do indianismo romântico. Neste momento, entra em cena Rosa, a personagem que materializa o amor platônico, carregado de sentimentalismo, idealização e poeticidade. Já em (4), recortamos, no fim do romance, o sacrifício de Mariluán: o protagonista morre tragicamente impossibilitando a consumação do jovem em direção a seus dois nobres ideais, quais sejam, salvar da opressão tanto Rosa em relação ao seu âmbito familiar quanto seu povo mapuche no tocante ao Estado.

Em (4) tomando a civilização a partir da metáfora do sol, que se coaduna ao discurso iluminista, Mariluán representa o indígena no contexto de consolidação dos Estados nacionais que, portanto, deve ser incorporado à sociedade decimonônica chilena

a partir da mentalidade da burguesia. Neste sentido, a etnia mapuche devia ser regenerada através de “trabajo” e “honradez” que configuram os dois pilares da sociedade burguesa capitalista. O indígena, desprovido de seus direitos comunitários ancestrais, deveria ser convertido em mão-de-mão sustentadora do capitalismo incipiente, adestrado sob os princípios da “moral” e “honra” a partir das instituições vinculadas à sociedade burguesa como Igreja, Escola e Estado, por exemplo. No que tange à morte do herói, podemos estender tal fragmento à proposta formulada por Alfredo Bosi para o contexto da literatura brasileira. Neste sentido, assim como os personagens do indianismo alencarino (Iracema e O Guarani)^{†††}, Mariluán também corrobora o mito sacrificial (cf. Bosi, 1992) do indígena na literatura romântica. Observemos o último fragmento:

(6) Sus dos amores: el de Rosa, que despertaba los sentimientos tiernos de su corazón, y el de la independencia y civilización de su raza, que hacía resonar los nobles instintos y las esforzadas dotes de su alma, se combatían en su pecho [...] Ruégale que me perdone, si muero, por haber consagrado a otra causa una vida que en parte le pertenece; pero dile que siempre seré digno de su amor (Blest Gana, 2023 [1862], p.150).

Ao morrer em prol da causa mapuche, o personagem se sacrifica também pelo amor idealizado que nutre por Rosa. E, como todo herói de corte clássico, a morte é a única saída para sua eternização na memória. Dialogando com esse arquétipo de herói, proveniente da épica clássica e retomado pelo romantismo, a poética contemporânea de María Teresa Panchillo promove um deslizamento das cadeias parafrásticas que cristalizam os personagens indígenas da epopeia ercillana no imaginário chileno. Examinemos o poema seguinte:

LEFXARU (Lautaro)

A ti te digo

^{†††} Neste ângulo, a título de uma breve comparação, cotejamos Mariluán com O Guarani (1857), do romancista brasileiro José de Alencar, observando, em ambas as obras, o predomínio de um indianismo exotizado e idealizado que desemboca no mito sacrificial (cf. Bosi, 1992; Mattos, 2005). Apesar das diferenças entre os indígenas alencarino e blestganiano, naquilo que, segundo Verneck (2023), confere ao de Alencar um comportamento mais docilizado, no entanto, entendemos que ambas as narrativas constroem indígenas que funcionam como protótipos de heróis clássico-românticos que, desta forma, se sacrificam em prol da amada e da sua causa/etnia/nação enquanto uma regularidade geral que perpassa o indianismo romântico latino-americano.

Si puedes escuchar en la profundidad de la noche.
Estamos descubriendo las huellas que dejaste
Marcadas en la tierra
En las aguas
En los árboles.
EN TODA LA NATURALEZA QUE NOS PERTENECE.
Y lucharemos como tú
Sabemos que para ti
Sólo la lucha tiene sentido
No una poesía infantil
Escrita en un momento emocionante
Ni una promesa en los días dolorosos
Esas cosas son demasiado pocas
Para un hombre como tú.
Cuando una guerra arde para todos
No se puede hablar nada más...
Lucharemos sin claudicar
Está diciendo una voz en una toma de radio
Será tu mensaje que vuelve
Y nos llama desde la ciudad
Que no llegaste en tu último combate.
¿Llegará la primavera para Chile
Volarán las águilas veloces por el mundo
Llevando mensaje de victoria
A los hijos de la tierra?
Sabrás Lefxaru
Que las promesas estaban destinadas a cumplirse.
¿Tendrá sentido la poesía infantil
Escrita con rabia en forma de panfleto?
No nos vencerán Lefxaru
Entonces, cantaremos tu nombre
Tu figura heroica

Los niños te subrayarán en la historia.

(Panchillo, 2006, p.71)

Tal poema não apenas mantém um diálogo intertextual e interdiscursivo com Lautaro, um dos personagens mais destacados de *La Araucana*, mas também parece promover certos movimentos de (des)colonização linguístico-discursiva na medida em que reapropria e ressignifica a memória colonial e canônica. Nesta produção intitulada “LEFXARU (Lautaro)”, a poeta recupera o nome ancestral do combatente, grafado em mapudungun (língua mapuche), frente à versão castelhanizada (Lautaro). O eu-lírico, por meio de um diálogo em segunda pessoa (tú), se reapropria do personagem colonial e canônico concebendo-o como uma força espiritual e energética, isto é, um *gen mapu*, que se manifesta em elementos da natureza – noite, tierra, agua, árboles, etc. – conforme podemos observar nos primeiros versos. Esta relação alude à cosmogonia mapuche conhecida como *Azmapu* (Loncón, 2023), que determina o sistema de leis que regem a vida e os valores éticos dos mapuches bem como estabelece sua relação com todos os seres que compõem a biodiversidade e os territórios.

Desta forma, o eu-lírico se conecta com Lautaro através de determinados elementos naturais porque ele agora configura-se como um poder ou dono espiritual e energético que está presente nos territórios e na *mapu* (terra). O enunciador poético, bem como toda sua geração mapuche que se sente representada por Lautaro, se conecta com o guerreiro através do *gen mapu kūpalme*, que vincula às pessoas, no caso, às comunidades mapuche aos poderes, donos, espíritos e energias que habitam a natureza e os territórios dentro do princípio do *itxofill mogen*, que concebe a interdependência de toda a biodiversidade para que haja o *küme mogen*, isto é, o bom viver ou viver saudável e equilibrado a partir da filosofia ancestral.

Nos versos que se seguem a partir de “Y lucharemos como tú” o sujeito lírico realça a natureza de Lautaro como combatente, aludindo ao herói épico conhecido por suas qualidades guerreiras e se colocando, de maneira coletiva a partir da comunidade mapuche, como seu seguidor. Nos versos “está diciendo una voz en una toma de rádio / será tu mensaje que vuelve”, considerando o conceito mapuche definido como *konui*^{†††},

^{†††} Segundo o *Azmapu*, o conceito *konui* “alude a la migración de un espíritu, custodio de un elemento de la Naturaleza, al interior de alguna persona determinada, cuando la realidad física que ese *konui* protege se ve amenazada por la acción depredadora humana” (Mora, 2021, p.31).

podemos interpretar, a partir da própria vivência pessoal de Panchillo como radialista e dirigente pela reivindicação da terra, que o enunciador se coloca como uma porta-voz de Lautaro, este entendido como um *gen mapu* do tipo *konui*, que se aloja em sua voz, seu corpo e sua inteligência humanas a fim de que o eu-lírico adote a causa em prol da defesa da biodiversidade ameaçada.

A partir dos versos “Llegará la primavera para Chile / volarán las águilas veloces por el mundo”, a voz poética, por meio de um tom questionador, relaciona a chegada da primavera ao conhecido ciclo de migração e reprodução das aves e, a partir disso, a um tipo específico de *gen mapu kupalme* que, segundo a cosmovisão mapuche, se manifesta no ser humano conferindo-lhe traços identitários. Sendo assim, “las águilas veloces” metaforizam a chegada de Lautaro, que, assim, traria vitória e esperança para os mapuche ou “los hijos de la tierra”. A associação de águias velozes ao nome do guerreiro se interpreta a partir do espírito (*gen*) “*kulme*” que, de acordo com a filosofia do *azmapu*, tomando a forma de um pássaro teria transmitido ao chefe indígena a habilidade da velocidade, advindo daí a etimologia do seu nome, uma vez que Lautaro é a versão castelhanizada de “Lefxaru”, em que “lef” significa veloz e “xaru” pássaro. Neste sentido, o enunciador faz menção às águias velozes como símbolos que se imiscuem à identidade do herói mapuche.

Nos últimos versos que se iniciam a partir de “Sabrás Lefxaru”, a voz poética retoma o tom conversacional em segunda pessoa com o guerreiro, demonstrando uma personalidade de lutador resistente, característica que se atrela também à vivência da autora como militante. Nos quatro versos que finalizam o poema, o sujeito lírico, a partir do diálogo com a tradição clássica, confere a Lefxaru/Lautaro a característica do herói épico cujo nome é cantado (“cantaremos tu nombre”) e sua fama e honra eternizadas na memória (“tu figura heroica / los niños te subrayarán en la historia”). Neste sentido, há um atravessamento também da tradição ancestral cuja marca se presentifica na oralidade que será a responsável por assegurar a fama heroica de Lefxaru através dos relatos de seus conterrâneos de geração em geração. Por fim, interpretamos que o título “LEFXARU (Lautaro)”, em que se justapõem os nomes do guerreiro, parece tensionar sua constituição híbrida marcada pelas distintas cosmogonias, funcionando a formulação em caixa alta (LEFXARU) como um símbolo de resistência (e não subalternidade) frente à versão canônica (Lautaro). Vejamos outro poema da escritora:

LAUTARO

Retorna Lautaro

Lautaro de los tiempos

Viajero de lluvias

Retorna en media luna

Intacto y desafiante

Capullo de mi libertad.

(Panchillo, 2006, p.75)

Por meio dos versos “Retorna Lautaro / Lautaro de los tiempos”, o eu-lírico parece estar fazendo uma analogia à invocação das musas, seguindo o procedimento estético da épica clássica, conforme os autores greco-romanos cultuavam. Assim, por exemplo, no canto I da narrativa da *Odisséia* encontra-se: “Musa, narra-me as aventuras do herói engenhoso” (Homero, 2006, p.9). Ao passo que em *La Araucana* a invocação às musas é substituída por uma dedicatória ao Rei Felipe II de Espanha, como uma estratégia poética de Ercilla y Zúñiga para fundamentar sua narrativa épica com pretensão de relato testemunhal e histórico: “Suplícios, gran Felipe, que mirada/ esta labor, de vos sea recebida” (Ercilla y Zúñiga, 2001, p. 16).

No tocante aos versos seguintes (Viajero de lluvias / Retorna en media luna), estes parecem também invocar um Lautaro que, viajando através do tempo, do espaço e da memória, de certa forma, dialoga com a viagem homérica de Ulisses (Odisseu) em sua saga de volta à Ítaca, como o guerreiro que protagoniza viagens e aventuras extraordinárias no universo mágico e mítico da *Odisséia*. No entanto, o enunciador lírico não faz uma mera paráfrase dos sentidos da epopeia grega, uma vez que Ulisses era um soberano que retornava para seu trono e não estava morto, embora todos acreditassem. Enquanto Lautaro, por sua vez, é um guerreiro indígena e seu retorno não se dá de maneira corpórea, mas como uma força espiritual, que se manifesta na natureza através do *gen mapu küpalme*, presente no princípio do *itxofil mogen* da filosofia do *azmapu*. Neste sentido, Lautaro retorna através de determinados elementos – chuva, luna – enquanto manifestação dessa energia ancestral que se interconecta com a natureza e reside nela.

Não se trata, portanto, da volta do guerreiro físico, tal qual Ulisses da *Odisséia*, mas de uma energia, de um *gen mapu*.

O verso “íntacto y desafiante” parece conferir ao guerreiro indígena as características da épica clássica referente ao arquétipo do herói grandioso e imponente que se consagra como um sujeito mítico e histórico cuja fama transcende sua época. No último verso deste poema lacônico o enunciador declara “Capullo de mi libertad” em que podemos interpretar uma espécie de simbiose entre o eu-lírico e o guerreiro indígena, no sentido de o sujeito poético albergar tal espírito ancestral que o escolhe como porta-voz defensor e detentor da custódia do *itxofill mogen*, isto é, a biodiversidade de seres e sua relação interdependente, uma vez que *itxofill* significa, em mapudungun, “todo tipo, sem exceção” e *mogen* tem o sentido de “vida” (Loncon, 2023, p.67), conforme já refletimos acerca da cosmogonia do *azmapu*.

Comparando discursos literários sobre Lautaro: diferentes gestos de (des)colonização

As materialidades linguísticas analisadas ao longo da seção configuram distintos discursos poético-literários em torno ao personagem Lautaro. O primeiro texto remete a uma estrofe integrante de *La Araucana* em que se descrevem as qualidades e traços de referido guerreiro indígena. Tal construção funciona como uma forma arquetípica heroicizante que, resgatada no século XIX, passa a colaborar com a produção de um imaginário nacional chileno que se filia à corrente romântica indianista. Do fragmento 1 ao 6 visualizamos o destacado romance decimonônico *Mariluán*. Tal obra, produzida no marco da literatura indianista, retrata uma visão muito ocidentalizada do indígena capturando o contexto de consolidação dos Estados Nacionais. Nesta ocasião, em que na conjuntura chilena a etnia mapuche travava um conflito bélico com o Estado por conta da política de Pacificação da Araucanía, o indígena Mariluán, apesar de exaltado como um continuador da raça “araucana” celebrada pela epopeia ercillana, precisa ser incorporado à sociedade burguesa. Tal processo de assimilação implica a perda dos direitos comunitários e do vínculo cosmogônico do indígena com seu território e cultura ancestrais. Sendo assim, configurando um descendente dos Lautaros, Mariluán encarna o herói clássico reatualizado no romantismo que se sacrifica em prol de sua amada e de sua comunidade mapuche. Neste panorama, o discurso blestganiano que formata o cânone

literário confere ao indígena uma visão, emanada a partir da elite intelectual liberal, muito europeizada e, portanto, colonizada.

Em seguida, analisamos dois poemas desenvolvidos pela escritora mapuche do contemporâneo María Teresa Panchillo. Em seus versos, a figura de Lautaro é reapropriada de *La Araucana*, bem como da memória coletiva chilena, e rediscursivizada no âmbito da luta pelos direitos dos povos originários (mapuche). Neste sentido, trata-se de um processo de (des)colonização linguístico-discursiva na medida em que ressignifica a memória colonial e o cânone. A poeta, ao dialogar com o Lautaro colonial, construído a partir do arquétipo do herói épico e eternizado no imaginário nacional do Chile, realiza uma desapropriação bastante crítica e interessante da tradição clássica. Neste movimento de (des)colonização – em que grafamos a formulação colonização/descolonização para marcar uma tensão constitutivamente simultânea neste processo – Panchillo apesar de mobilizar procedimentos estético-poéticos cultivados pela tradição greco-latina, como por exemplo, a reconstrução de Lautaro mediante características do herói clássico das epopeias, as menções à ideia de eternização do herói que será “cantado”/lembrado por gerações futuras, as analogias às invocações das musas para iniciar seu poema, etc., mantém, contudo, um diálogo com essa tradição marcado por uma hibridização linguístico-discursiva.

Esse resgate da memória colonial e canônica desemboca em um deslizamento de sentido no que tange ao arquétipo do herói clássico gerando uma leitura polissêmica e crítica. Neste ângulo, a poeta não apenas repete e retorna essa memória estabilizada, via paráfrase, mas a desloca mediante polissemia, gerando novos efeitos de sentido. Neste deslizamento, incide a filiação a formações discursivas vinculadas à cosmogonia ancestral mapuche através da abordagem de princípios fundamentais estabelecidos no *Azmapu* (Loncón, 2023; Mora, 2021), que funcionam como sistemas de leis cujos pilares determinam a vida em equilíbrio, isto é, o bom viver ou *küime mogen* entre os mapuche, os seres da natureza e sua vinculação com os territórios.

Desta forma, o Lautaro construído e exaltado nos versos da escritora e dirigente mapuche não é apenas o herói clássico (e colonizado) da *Araucana*, isto é, o ser mítico da literatura chilena. É, principalmente, um *gen mapu*, uma energia e força ancestrais, profundamente conhecedora do *itxofil mogen* e conectada às leis do *Azmapu*, que, em muitos momentos, é também uma energia assumida pelo eu-lírico enquanto um porta-voz

que corporifica/incorpora esse *konui* antepassado. É deste diálogo entre epistemologia ocidental e ancestral que a poética da autora avança no processo de (des)colonização linguístico-discursiva de Lautaro. Em face disso, podemos compreender o discurso literário da escritora como um gesto contrapedagógico na medida em que desestabiliza e subverte o paradigma canônico literário, ensejando uma leitura imbuída de uma maior criticidade ao dialogar imbricadamente com as tradições clássica e chilena e com a cosmovisão ancestral. Tal movimento desemboca numa produção poético-literária muito interessante a nível crítico e estético promotora de uma reflexão muito mais rica em torno de imagens metafóricas ao dar voz à filosofia mapuche. Entendemos, portanto, apoiados em Severo (2016), que “a experiência colonial é complexa, o que significa que o encontro colonial produziu [*e continua produzindo*] também a emergência de resistências e hibridizações culturais” (p. 11).

Algumas considerações

O objetivo deste artigo foi promover uma discussão em torno a movimentos de (des)colonização linguístico-discursiva concernentes ao herói mapuche Lautaro. Como *corpus*, analisamos discursos literários materializados a partir de dois poemas de María Teresa Panchillo, explorando suas relações interdiscursivas com obras canônicas da literatura chilena, a saber, *La Araucana*, do século XVI, e *Mariluán*, do século XIX. Para tanto, mobilizamos enquanto dispositivo teórico-metodológico a Análise de discurso materialista (AD), abarcando ainda discussões relacionadas à noção de colonização linguística (Mariani, 2004; Severo, 2016; Celada, 2022). Além disso, debatemos acerca dos discursos literários que se consolidaram na bibliografia latino-americana no tocante à figuração do indígena, abrangendo, enquanto periodização literária, o romantismo, movimento que ao inventar uma ideia de identidade nacional no século XIX fomentou a produção da corrente indianista, sobretudo, ao resgatar, no contexto chileno, o poema épico colonial *La Araucana*, datado do século XVI.

Capturando especificamente o contexto do Chile, observamos que o desenvolvimento da literatura indianista se vincula a uma chave de interpretação eurocentrada ao construir o indígena a partir de procedimentos de idealização, hiperbolização e exotização. Como forma de promover uma contraposição a tal vertente, abordamos ainda certos preceitos que se relacionam à cosmogonia indígena associada à

etnia mapuche (Mora, 2021; Loncón, 2023), além de tecer breves considerações sobre a poética mapuche do contemporâneo, realçando a produção literária da poeta María Teresa Panchillo.

Ao analisar trechos de obras que constituem o cânone literário chileno, tais como *La Araucana* e *Marilúán*, e que guardam um diálogo interdiscursivo com a poética contemporânea de Panchillo, percebemos a construção de Lautaro e demais personagens indígenas apenas a partir da mentalidade ocidental de base eurocêntrica, processo que silencia os saberes ancestrais e contribui para a geração de imagens estereotipadamente subalternizadas do indígena. Partindo da interrogação que lançamos em nossa introdução – em que medida os discursos literários indígenas da atualidade funcionam enquanto gestos de descolonização entendidos também como gestos contrapedagógicos? – ponderamos que o exame dos poemas investigados conduziu a certas percepções. No tocante aos textos literários intitulados “LEFXARU (Lautaro)” e “Lautaro”, observamos movimentos descolonizadores que funcionam como contrapedagogias do poder na medida em que colaboram com a subversão da memória colonial e canônica chilena.

Sendo assim, além do diálogo com a tradição ocidental, a partir de certas características que aludem às literaturas clássica e romântica, a escritora também enseja o diálogo com a cosmovisão ancestral, abordando simultaneamente relevantes princípios do sistema de leis que rege a sociedade mapuche ou *azmapu*. Neste ângulo, concebemos a produção da poeta como uma forma de hibridização polissêmica e crítica ao ressignificar, por exemplo, as cadeias parafrásticas que cristalizam o herói mapuche Lautaro apenas sob o arquétipo da cultura clássica e, deste modo, construí-lo também como um *gen mapu* que habita os territórios. Neste movimento, a autora confere à sua poética um valor crítico e estético muito elevado ao abordar imagens metafóricas para ressemantizar o guerreiro – *de los tiempos, de lluvia, en media luna, capullo*, etc. – que conduzem à interpretação de uma cosmovisão distinta da ocidental. Tal leitura engendra possibilidades de funcionarem como gestos contrapedagógicos por oportunizarem interpretações não subalternizadas do indígena ao contribuírem para a desestabilização do *status quo* sedimentado historicamente pelo paradigma do poder patriarcal que provoca desigualdades de gênero, raça e classe. Por fim, rememoramos Cristine Severo ao entendermos que “a experiência colonial não é unilateral ou dicotômica, mas complexa e heterogênea, resultante do encontro de culturas, sujeitos e discursos que produz, como

resultado, signos ambivalentes e contraditórios” (Severo, 2016, p.21). Compreendemos assim, junto a Celada (2022), que a colonização perpassa, constitutivamente, o complexo processo de descolonização. Tal pensamento nos remete ainda ao já tecido por Mariani (2004) quando a estudiosa pondera, ao refletir sobre a singularidade que atravessa o processo de colonização, que “o lugar de onde o colonizado fala se constitui no entremeio da heterogeneidade [*linguístico-discursiva*] inerente à colonização” (p.74).

Referências

- ALEMANY BAY, Carmen. La narrativa sobre el indígena en América Latina: Fases, entrecruzamientos, derivaciones. *Acta literaria*, Concepción, n. 47, p. 85-99, 2013.
- BALLARD, John Steven. *El ciclo de novelas socio-críticas de Alberto Blest Gana: el desarrollo de la estética realista y la ideología liberal*. Tese de Doutorado [Doctoral dissertation]. Ohio: Graduate School of The Ohio State University, 1983.
- BENGOA, José. *Mapuche, colonos y el Estado Nacional*. 2. ed. Santiago de Chile: Catalonia, 2014.
- BLEST GANA, Alberto. *Mariluán*. Colección Obras Completas. Santiago de Chile: Fundación Alberto Blest Gana, 2023 [1862].
- BOSI, Alfredo. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. In: BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CASANOVA, Holdenis. Entre la ideología y la realidad: la inclusión de los Mapuche en la nación chilena (1810-1830). *Revista De Historia Indígena*, Santiago, n. 4, p.9-48, 2016 [1999].
- CATRILEO CHIGUAILAF, María. *Diccionario lingüístico etnográfico de la lengua mapuche*. Mapudungun. Español. English. 2. ed. Valdivia: Ediciones UACH, 2018.
- CELADA, María Teresa. Colonização linguística no espaço da América do Sul. In: FANJUL, Adrián Pablo; CELADA, María Teresa. *Língua e política: conceitos e casos no espaço da América do Sul*. São Paulo: Edusp, 2022, p.166-220.
- CORNEJO POLAR, Antonio. El indigenismo y las literaturas heterogéneas: su doble estatuto socio-cultural. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima, v. 4, n. 78, p.7-21, 1978.
- ERCILLA y ZÚÑIGA, Alonso. *La Araucana*. 19. ed. Bogotá: Panamericana, 2001.
- FANJUL, Adrián Pablo. *A pessoa no discurso – português e espanhol: novo olhar sobre a proximidade*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FIGUEROA VERDUGO, Damsi. *Poéticas Mapuche: Lecturas interculturales de la poesía mapuche actual*. 2017. Tesis de Doctorado en Literatura Latinoamericana. Postgrado en Literatura Latinoamericana de la Universidad de Concepción, Chile, 2017.

FIGUEROA VERDUGO, Damsi; FIGUEROA BURDILES, Noelia. Lecturas decoloniales de la poesía mapuche de María Teresa Panchillo, Chile. *Izquierdas*, Santiago, n. 40, p. 120-138, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HOMERO. *Odisséia*. Coleção Clássicos Cultrix. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

LABORDE, Miguel. Introducción. In: BLEST GANA, A. *Mariluán*. Colección Obras Completas. Santiago de Chile: Fundación Alberto Blest Gana, pp.13-18, 2023 [1862].

LÁSCAR, Amado. *Mariluán y el problema de la inserción del mundo indígena al Estado nacional. Expansión del Estado Nación y rearticulación simbólica del cuerpo indígena*. Universidad de Ohio: Ñuke Mapuförlaget, 2003.

LONCON, Elisa. *Azmapu*. Aportes de la filosofía mapuche para el cuidado del lof y la Madre Tierra. 2. ed. Santiago de Chile: Ariel, 2023.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística: línguas, políticas e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)*. Campinas: Pontes, 2004.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1971.

MATOS, Cláudia. Textualidades indígenas no Brasil. In: Figueiredo, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói: Eduff, p. 436-464, 2005.

MELÉNDEZ, Concha. *La novela indianista en Hispanoamérica (1832-1889)*. Madrid: Universidad de Puerto Rico, 1961 [1934].

MILLALÉN PAILLAL, José. La sociedad mapuche prehispánica: kimün, arqueología y etnohistoria. In: MARIMÁN QUEMENADO, Pablo et al. ¡...Escucha, winka...! Cuatro ensayos de Historia Nacional Mapuche y un epílogo sobre el futuro. 1. ed. Santiago: LOM Ediciones, 2006, p.17-52.

MORA, Ziley. *Mawida*. El llamado mapuche para sanar la Tierra. 1. ed. Santiago de Chile: Urano, 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Ponte, 2000.

PANCHILLO, María Teresa. LEFXARU (Lautaro). *In*: FALABELLA, Soledad; HUINAO, Graciela; RAMAY, Allison. (org). Hilando en la memoria. Siete mujeres mapuche. Poesía. 1. ed. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2006, p.71-72.

PANCHILLO, María Teresa. Lautaro. *In*: FALABELLA, Soledad.; HUINAO, Graciela; RAMAY, Allison. (org). Hilando en la memoria. Siete mujeres mapuches. Poesía. 1. ed. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2006, p.75.

PAS, Hernán. ¿Ecos de Lautaro?: las lenguas indígenas como patrimonio cultural del nacionalismo criollo en el siglo XIX. *Anclajes*, Santa Rosa, v.16, n. 2, p.73-92, 2012.

ROJAS, Waldo. *La Araucana de Alonso Ercilla y la fundación legendaria de Chile: Del Araucano ideal al Mapuche terreno*. Estudio crítico. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SEVERO, Cristine. A invenção colonial das línguas da América. *Alfa*, São Paulo, n. 60, p.11-28, 2016.

SUBERCASEAUX, Bernardo. La Araucana: un texto que genera un contexto. *Nueva revista del Pacífico*, Valparaíso, n. 74, p.143-169, 2021.

TRIVIÑOS, Gilberto. Mariluán de Alberto Blest Gana: Panóptico, utopía, alteridad. *Atenea*, Concepción, n.490, p.33-57, 2004.

VERNECK, Bruno. Fardo civilizador e visões da barbárie: Mariluán, de Alberto Blest Gana, em seu tempo. *Caracol*, São Paulo, n. 25, p.831-859, 2023.

WOGAN, Daniel. Resenha sobre COMETTA MANZONI, Aída. El indio en la poesía de América española. Buenos Aires: Joaquín Torres Editor, 1939. *Revista Iberoamericana*, Liverpool, v. 4, n. 8, p.467-471, 1942.

Declaração de financiamento

Pesquisa em curso, realizada na qualidade de pós-doutorado, financiada pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI 260003/000295/2024.

Declaração de conflito de interesse

O autor declara que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Editores-Chefe: Cássia Maria Bezerra do Nascimento

Editor Executivo: Gerson Roberto Neumann

Editores Associados: Adriana Cristina Aguiar Rodrigues, Anderson Bastos Martins, Germana Henriques Pereira

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.